

Sol, rios, serra, culturas e uma aspirante a pesquisadora

Wanderleya Nara Gonçalves Costa

Pontal do Araguaia, Mato Grosso. Brasil.

costawanderleya@gmail.com

Levantei-me rapidamente da cama naquela manhã quente e ensolarada de 7 de setembro de 1991, pois iria ao desfile comemorativo do “Dia da Independência do Brasil”. Eu havia chegado há cerca de um mês na região mato-grossense que agora seria o meu lar. Ainda conseguia lembrar do primeiro impacto causado pela beleza da Serra Azul emoldurando o encontro do Rio Garças com o Rio Araguaia. As canoas, as pessoas andando ou descansando nas areias de uma pequena praia, o céu muito azul, o sol a pino, o calor abrasador ...

No dia em que cheguei, logo me vi imersa no cotidiano de uma cidade que parecia muito semelhante a tantas outras cidades brasileiras, mas logo observei uma grande presença de famílias indígenas. Algumas, trafegando mal acomodadas em caminhões, como se fossem mercadorias, sem assento ou teto. Outras, andando pelas ruas, sem muita pressa. Os homens à frente, seguidos pelas mulheres. Elas, com a força do seu pescoço, sustentavam os cestos onde transportavam seus bebês. Geralmente, crianças as seguiam. As pessoas não indígenas das cidades limítrofes de Barra do Garças, Pontal do Araguaia (em Mato Grosso) e Aragarças (em Goiás) andavam lado a lado das famílias indígenas, mas pareciam ignorá-las. Poucas vezes, andavam juntas.

Mesmo eu, norte-mineira ou geraizeira que sou, acostumada, portanto, com memórias, biodiversidade e a vastidão cultural de terras povoadas por diferentes etnias, amparadas em patrimônios que remetem a séculos de ocupação, senti o impacto. Fui tomada pelo estranhamento, pela percepção da beleza da diversidade, pela curiosidade e pelo calor avassalador do sol escaldante.

Sim, naquela manhã de 7 de setembro de 1991, relembrei sentimentos, emoções e sensações que haviam me ocorrido um mês atrás. Preparando-me para deixar o quarto a

fim de acompanhar o desfile cívico-militar, percebi que estaria dando mais um passo para compreender aquelas cidades e suas gentes. Ao vestir-me, recordei também o poema “Erro de Português”, de Oswald de Andrade (Andrade, 2005). Concordei com o autor, “Quando o português chegou, debaixo duma bruta chuva, vestiu o índio. Que pena! Fosse uma manhã de sol, o índio tinha despido o português”. Mas, enfim, devidamente vestida e disposta a enfrentar o calor do estado de Mato Grosso, segui para a principal avenida da cidade de Barra do Garças.

Assim que cheguei ao local, vi que crianças e adolescentes _ alunos e alunas de escolas não indígenas _ haviam sido fantasiados e fantasiadas para que, no desfile comemorativo, representassem e homenageassem os povos indígenas brasileiros. Enquanto isso, vários membros e membras das nações *bóe-bororo* ou *a’uwe xavante* observavam a cena, invisibilizados eles, despercebidas elas, como se só fizessem parte de um passado distante. Era um estranho contraste...

As crianças e os adolescentes que estavam representando os povos indígenas tinham indumentárias e pinturas corporais que pareciam inspiradas em livros didáticos, ou até mesmo nas representações dos indígenas em filmes norte-americanos. Eles e elas usavam cocares feitos com penas coloridas que pareciam reaproveitadas de petecas compradas no comércio local.

Mas, à margem, assistindo ao que se passava, era possível ver dezenas de *a’uwe xavante* usando um vestuário que mesclava peças da cultura não indígena com seus trajes cerimoniais. Mulheres e crianças com seus adornos *weclinhorõ* _ pulseiras, colares e tornozeleiras de cipó _; homens com camisetas e shorts de cor vermelha, mas também com suas *danhurédzula* _ gravatas fiadas com algodão e penas _ e seus ‘pauzinhos na orelha’ _ os *dapo redzapu*. Também ali estavam, em menor número, pessoas da etnia *bóe bororo*, com seus brincos coloridos feitos de pena de arara.

O olhar desatento da maioria das pessoas não indígenas presentes, olhar que perpetuava estereótipos, olhar que em grande parte era referendado pelas escolas, dominava o desfile que ocorria no centro da avenida. Esse cenário levou ao

questionamento: por que não convidaram membros e membras de nações indígenas da região para participar do desfile, ao invés de colocarem “índios falsos”? Quais seriam os usos e os significados dos adornos dos povos *a’uwe xavante* e *bóe bororo* que assistiam, às margens da avenida, representações que unificavam e inferiorizavam as culturas indígenas? Quais seriam os valores, os mitos, os ritos, a educação tradicional e outros costumes daqueles povos? Quais seriam suas estratégias de resistência ao acultramento, de combate ao preconceito e mesmo de manutenção de suas terras e de seus corpos, sempre ameaçados?

Como recém-graduada, mas ainda assim admitida por concurso público no corpo docente do Curso de Licenciatura em Matemática, no Campus do Araguaia, da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), eu questionava: como escolas não indígenas poderiam assumir um posicionamento diverso daquele que eu estava observando na avenida e que lhes era inspirado, em grande parte, por livros didáticos? Professores e professoras de matemática poderiam contribuir para debelar preconceitos, para valorizar as pessoas indígenas e suas culturas? Como os povos indígenas *a’uwe xavante* e *bóe bororo* contavam na sua cultura tradicional? Mediam tempo e espaço? Quais relações se estabeleciam, na região, entre a educação tradicional dos povos indígenas, a educação escolar indígena e a educação escolar não indígena? Meus questionamentos só aumentaram...

Ainda se passaria pouco mais de um ano, tendo eu avançado um bocadinho no conhecimento sobre os povos indígenas da região, até que eu ouvisse, pela primeira vez, o termo Etnomatemática.

Foi em 1993 que comentei, com o então chefe do Departamento de Matemática da UFMT no Campus do Araguaia, o Professor Antônio Olímpio Júnior, que eu gostaria de fazer um mestrado que me permitisse estudar sobre as culturas indígenas da região. Mas, também confessei a ele que não via perspectivas de que isso poderia um dia acontecer, sendo eu professora de matemática. Entretanto, ele havia concluído seu curso de Mestrado em Matemática na UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”), no

Campus de Rio Claro; lá ouviu falar sobre a Etnomatemática. Então, o Professor Olímpio apoiou minhas aspirações e sugeriu-me a leitura de uma entrevista concedida pelo Professor Ubiratan D'Ambrosio à Revista Nova Escola (D'Ambrosio, 1993).

A leitura foi puro encantamento. Ali estavam ideias que me eram completamente desconhecidas, mais do que instigantes, aquelas ideias eram apaixonantes, pois me ofereciam mais do que eu ousara imaginar, em termos de conhecer as culturas indígenas sob a perspectiva de uma professora de matemática. Nos meses que se seguiram, tentei ler mais a respeito da Etnomatemática. Mas eu dispunha de uma parca bibliografia... Então, o meu chefe sugeriu que eu fosse até a UNESP de Rio Claro e conversasse com o Professor Marcelo de Carvalho Borba.

Em algum momento do início do ano de 1995, Marcelo recebeu-me, falou sobre a Etnomatemática e sobre sua pesquisa de mestrado numa favela da cidade de Campinas-SP. Ofereceu cópias de vários artigos, mimeografados. Disse que aceitaria orientar-me um dia, na minha própria pesquisa de mestrado, em Etnomatemática. Nesse ponto, vou adiantar a conversa revelando que Marcelo não foi meu orientador no mestrado, que acabei por realizar na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), mas foi com sua coautoria que publiquei meu primeiro artigo _ 'O porquê da etnomatemática na educação indígena' (Costa e Borba, 1996). (Meus agradecimentos, Marcelo!) Ele também me falou sobre o Professor Eduardo Sebastiani Ferreira, da UNICAMP, destacando seu trabalho junto aos povos indígenas.

E lá fui eu procurar o Professor Sebastiani. Dele e de seus orientandos e orientandas, ouvi histórias vividas junto a povos indígenas e relatos de pesquisas sobre etnomatemáticas indígenas. Ganhei várias outras cópias de artigos mimeografados e fui convidada a participar de um grupo de estudos sobre História da Matemática e Etnomatemática. Encontrei 'meu pai acadêmico', pois o Professor Sebastiani nunca deixou de me guiar nos meus caminhos pela Etnomatemática.

Eu e Pedro Paulo Scandiuzzi _ um colega que, à mesma época que eu, chegou até o Professor Sebastiani e que acabaria se tornando meu irmão mais velho na academia _

passamos a estudar juntos. Em parceria, buscávamos compreender mais acerca da Etnomatemática e do Programa Etnomatemática. Amparávamos mutuamente nossos sonhos de nos tornarmos pesquisadores sobre etnomatemáticas indígenas. O que, de fato, um dia, ocorreu. Mas como eu cheguei até a Professora Maria do Carmo Santos Domite __ a querida e saudosa Florzinha __ e Pedro Paulo chegou até o Professor João Frederico Meyer __ o Joni __, que ao final se tornaram nossos orientadores no mestrado e acabaram por nos apresentar o Professor Ubiratan D'Ambrosio, é outra história.

Uma história ainda mais comprida é a que explica por que minha primeira pesquisa etnomatemática, a que realizei no mestrado, não foi com povos indígenas do estado de Mato Grosso, mas sim com ceramistas do Vale do Jequitinhonha, no norte de Minas Gerais. Somente no doutorado eu consegui, efetivamente, conhecer mais sobre a etnomatemática dos *a'uwe xavante* e encantar-me com sua cosmogonia, sua teogonia e com seus ritos. Reconheci, então, que etnomatemática de um povo é indissociável de sua linguagem materna; dos códigos de comportamento; das práticas sociais; dos valores; dos mitos e ritos; da arte e da religiosidade; das relações de poder que se estabelecem entre o grupo e a natureza e entre as pessoas do próprio grupo; dos conhecimentos modificados ou apreendidos por meio da dinâmica cultural do encontro; bem como de outros conhecimentos e manifestações culturais compartilhadas por membros seus.

Encontrei respostas para alguns dos questionamentos que eu havia feito no já longínquo 7 de setembro de 1991. Percebi que uma pesquisadora, pautada pela Etnomatemática, pode contribuir não apenas para que sejam conhecidas diferentes formas de matematizar, mas também para evidenciar formas de subjugar, métodos disciplinadores __ de corpos e de almas __, práticas discursivas e não discursivas, referências sagradas e profanas, míticas e histórias de um povo. Compreendi que esse fazer pode auxiliar professoras e professores de matemática a perceberem que a escola e o ensino de matemática veiculam não apenas conhecimentos. Difundem também crenças, símbolos e representações; posturas que marcam e conformam, dilaceram ou fortalecem e que, não

raro, relegam os povos indígenas a um passado distante, “livresco”, o que contribui para a manutenção de preconceitos e da situação marginal em que muitos se encontram.

Hoje, um dia qualquer de 2025, posso dizer que minha crescente imersão na Etnomatemática, de certo modo, lembra as estadas do norte de Minas Gerais, com muitos caminhos, novos e antigos, sempre unidos pela cultura. Caminhos capazes de me levar a andar “toda vida” _ como diz o povo de minha terra para exprimir que, na experiência de viver/conviver/viajar, também importa o caminho, não apenas o destino. De fato, essas minhas primeiras incursões pelos caminhos da Etnomatemática levaram-me a caminhos outros e promoveram encontros que têm expandido minha “família acadêmica”, que tem incitado outras curiosidades, que me levam a expandir o olhar para outras etnomatemáticas, por exemplo, para as produções etnomatemáticas afro-brasileiras. Mas esta é uma história muito, muito, longa e permeada de afetos, deixemos para outra ocasião...

Referências

ANDRADE, Oswald. *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo, 2005.

COSTA, Wanderleya Nara Gonçalves; BORBA, Marcelo de Carvalho. O porquê da etnomatemática na educação indígena. *Zetetiké*, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 87-95, 1996.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: uma nova abordagem sobre a construção do conhecimento revoluciona a aplicação das disciplinas na escola. *Revista Nova Escola*, São Paulo, n. 69, p. 10-17, ago. 1993.

Sol, rios, serra, culturas e uma aspirante a pesquisadora

Sun, rivers, mountains, cultures and an aspiring researcher

Sol, ríos, montañas, culturas y una aspirante a investigadora

Resumo

A crônica remete a fatos que ocorreram há mais de trinta anos; lembra sentimentos e sensações. Evidencia problematizações que me instigaram a tornar-me pesquisadora etnomatemática, não apenas como forma de compreender culturas e modos de matematizar; mas também como estratégia para contribuir com a decolonização do ensino de matemática. Evoca lembranças de paisagens brasileiras do Norte de Minas e do Mato Grosso, de povos, de pessoas e de instituições que marcaram o 'tornar-me pesquisadora'. Conclui expondo respostas para alguns dos questionamentos que outrora me levaram à Etnomatemática e revelando desafios que, na atualidade, me impulsionam a continuar pesquisadora na área.

Palavras-chave: Margens. Diferenças. Confidências. Colonialidade. Memória.

Abstract

The chronicle refers to events that occurred more than thirty years ago; it recalls feelings and sensations. It highlights issues that instigated me to become an ethnomathematical researcher, not only as a way of understanding cultures and ways of mathematizing; but also as a strategy to contribute to the decolonization of mathematics teaching. It evokes memories of Brazilian landscapes in the North of Minas Gerais and Mato Grosso, of people, individuals and institutions that marked my 'becoming a researcher'. It concludes by presenting answers to some of the questions that once led me to Ethnomathematics and revealing challenges that, today, drive me to continue researching in the area.

Keywords: Margins. Differences. Confidences. Coloniality. Memory.

Resumen

La crónica se refiere a hechos ocurridos hace más de treinta años; recuerda sentimientos y sensaciones. Destaca cuestiones que me impulsaron a convertirme en investigadora etnomatemática, no sólo como una forma de comprender las culturas y las formas de matematizar; pero también como una estrategia para contribuir a la descolonización de la enseñanza de las matemáticas. Evoca recuerdos de paisajes brasileños del Norte de Minas Gerais y Mato Grosso, de personas, individuos e instituciones que marcaron mi 'devenir investigador'. Concluyo presentando respuestas a algunas de las preguntas que en su día me llevaron a la Etnomatemática y revelando desafíos que, hoy, me impulsan a seguir investigando en el área.

Palabras clave: Márgenes. Diferencias. Confidencias. Colonialidad. Memoria.

Recebido 17 abril 2025.
Accito 09 setembro 2025.

